

Fundo Multibiomas

famaGAIA

S O C I O B I O E C O N O M I A

Relatório de Gestão 2T25



fama
re.capital



GRUPO
GAIA



Sumário

<u>Mensagem do CIO</u>	03
<u>Introdução</u>	06
<u>Resultados</u>	07
<u>Novos financiamentos</u>	09
<u>Projetos financiados</u>	12
<u>Um giro pelo trimestre</u>	15

Mensagem do CIO

Nos debates globais sobre mudanças climáticas, o destaque frequentemente conferido às florestas tropicais, devido à sua relevância como sumidouros de carbono, costuma deixar a água em segundo plano. Oceanos, rios, mananciais e manguezais desempenham papel vital na regulação climática global, com consequências profundas — diretas e indiretas — também para economias e mercados financeiros. No entanto, a relevância estratégica desse tema permanece periférica nas discussões climáticas e, inclusive, na alocação de capital para investimentos sustentáveis.

Os oceanos representam o maior sumidouro natural de carbono do planeta, absorvendo cerca de 25% das emissões globais de CO₂ por meio de processos físicos, químicos e biológicos, como a solubilidade do carbono atmosférico e a atividade fotossintética dos fitoplânctons.

Além disso, os oceanos exercem influência decisiva sobre os padrões climáticos globais por meio da circulação termohalina, um sistema complexo que regula temperaturas e regimes de chuva em diferentes regiões do planeta. Mudanças nesse sistema — impulsionadas pelas alterações climáticas, pelo aquecimento global e pelo derretimento das calotas polares — desencadeiam eventos extremos, como tempestades mais frequentes e intensas, secas prolongadas e fenômenos como El Niño e La Niña, com efeitos econômicos diretos sobre agricultura, energia, seguros e infraestrutura urbana.

O papel da água doce — mananciais, rios e aquíferos — é igualmente estratégico. Esses sistemas também influenciam o ciclo hidrológico e o balanço de energia do planeta. A degradação de bacias hidrográficas intensifica eventos extremos, como enchentes e escassez hídrica, afetando diretamente a produção de alimentos, o fornecimento de energia elétrica (especialmente no Brasil, altamente dependente de hidrelétricas) e a segurança hídrica urbana. Em outras palavras, a saúde dos rios e mananciais é um vetor de estabilidade macroeconômica.

A gestão sustentável desses sistemas reduz riscos operacionais e financeiros em setores altamente dependentes da água, como energia, mineração, indústria alimentícia, saneamento e construção civil. Ignorar esses riscos representa uma miopia estratégica para investidores e governos, que tenderão a lidar com crises emergenciais mais frequentes, dispendiosas e socialmente devastadoras.

No Brasil, a urgência dessa questão é ainda mais evidente. Com um litoral extenso, uma matriz elétrica baseada em rios e uma população urbana concentrada em áreas costeiras, o país é especialmente vulnerável às consequências das mudanças climáticas associadas à água. A proteção e recuperação de ecossistemas como manguezais e matas ciliares, assim como a gestão eficiente das bacias hidrográficas, mitiga riscos físicos, reduz custos futuros e oferece oportunidades concretas de investimento em adaptação e resiliência.

Em nosso fundo de sociobioeconomia, por exemplo, reconhecemos explicitamente oceanos e manguezais como biomas estratégicos para investimentos futuros, conscientes de que a proteção da água — em todas as suas formas — é elemento central de uma economia de baixo carbono. Embora ainda não tenhamos financiado projetos diretos nesses ecossistemas, estamos estrategicamente posicionados para explorar oportunidades que valorizem, ambiental e economicamente, esses ativos.

Adicionalmente, em nosso fundo de transição climática (Climate Turnaround Fund), investimos recentemente na Sabesp, destacando o potencial da gestão hídrica como vetor de descarbonização e, evidentemente, de justiça social. A tese de investimento está vinculada à universalização dos serviços de saneamento, ao tratamento eficiente de resíduos orgânicos, à proteção de mananciais e à restauração de matas ciliares. Tais ações geram co-benefícios claros: reduzem emissões de metano e CO₂, aumentam a eficiência operacional da companhia e melhoram a resiliência climática das cidades.

Neste momento histórico, o Brasil tem a responsabilidade e a chance de liderar um novo paradigma na política climática global. Ao sediar a COP30, pode demonstrar que o enfrentamento da crise climática exige colocar a água — doce e salgada — no centro das estratégias de mitigação, adaptação e investimento.

Integrar rios, mananciais, manguezais e oceanos às finanças climáticas é uma correção científica e estratégica, além de uma alavanca para destravar capital em escala, mobilizar inovação e gerar valor econômico duradouro. O futuro deve ser verde, mas também azul.



Fabio Alperowitch

CIO da fama re.capital

Introdução

No segundo trimestre de 2025, o FamaGaia Sociobioeconomia FIDC acumulou um total de **11 projetos financiados, ampliando sua atuação no bioma Cerrado**. Cada novo investimento reflete o amadurecimento de um modelo de financiamento que vem se mostrando eficaz para aproximar o capital das realidades que, historicamente, foram deixadas às margens do sistema financeiro tradicional — e permite um aprofundamento contínuo na compreensão das particularidades das diferentes cadeias produtivas.

A originação dos projetos tem ocorrido tanto de forma ativa quanto passiva, refletindo o fortalecimento do posicionamento do fundo perante os proponentes. Nosso modus operandi se consolida como uma combinação de escuta atenta, análises adaptadas à realidade das comunidades, operações construídas sob medida e monitoramento contínuo. Essa abordagem tem se mostrado eficiente para mitigar riscos e gerar impacto com retorno financeiro.

Enquanto o mundo enfrenta retrocessos no debate climático e cresce o espaço para discursos negacionistas, seguimos firmes ao lado de quem, todos os dias, protege os ecossistemas em que atua por meio de suas atividades produtivas.

Recentemente, tivemos a honra de sermos reconhecidos como **um dos únicos fundos brasileiros que atuam sob a lente da justiça climática, segundo estudo da Climate Ventures** — um reconhecimento que reforça nosso compromisso com uma transição climática que, de fato, inclua quem historicamente esteve de fora dos modelos tradicionais de desenvolvimento.

Neste relatório, apresentamos os resultados do segundo trimestre de 2025, incluindo os principais indicadores de impacto e desempenho financeiro. Compartilhamos também os novos financiamentos realizados e um panorama das principais movimentações da sociobioeconomia no período.

Resultados

Fechamos o trimestre com projetos no portfólio que **impactam diretamente mais de 2.089 pessoas, com presença em cinco biomas brasileiros**: Amazônia (36%), Mata Atlântica (31%), Caatinga (10%), Cerrado (22%) e Pampas (1%). Por meio de parcerias estratégicas, conseguimos ampliar o número de projetos nas zonas costeiras e em áreas de manguezais em nosso pipeline, e esperamos incorporar, em breve, iniciativas desses ecossistemas ao portfólio do fundo.

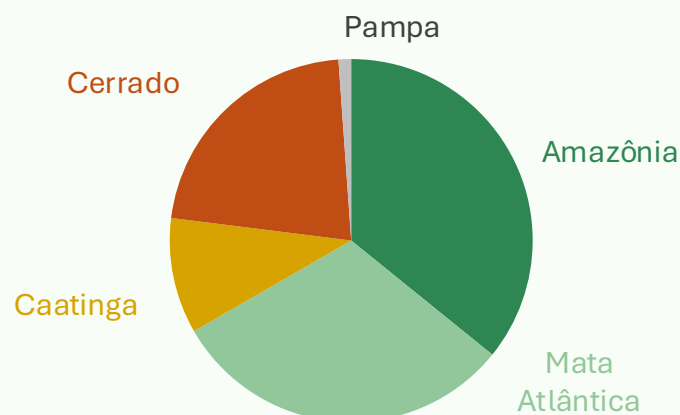
Pessoas Diretamente Impactadas(*)



*dados atualizados de acordo com as informações mais recentes enviadas pelos projetos financiados

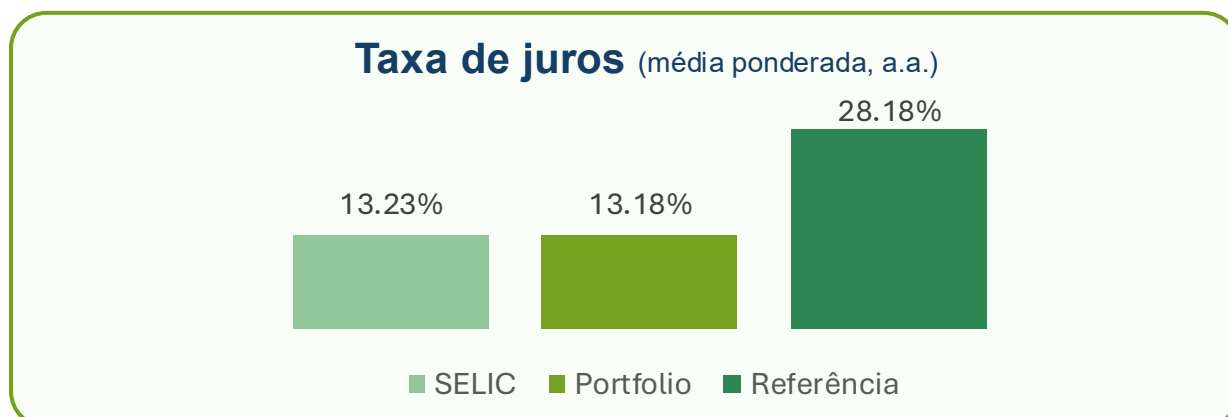
Presença nos biomas

(% do capital alocado)



Amazônia	Mata Atlântica	Caatinga	Cerrado	Pampa	Pantanal	Zonas Costeiras e Manguezais
36%	31%	10%	22%	1%	0,0%	0,0%

Com os 11 investimentos atuais, a diferença entre a taxa de juros média aplicada aos nossos tomadores de crédito e as taxas praticadas pelo mercado para créditos de mesma natureza é de 15 p.p., conforme dados do Banco Central.



Seguimos oferecendo **retornos financeiros competitivos**, ao mesmo tempo que promovemos mudanças positivas nas comunidades e no meio ambiente. No segundo trimestre de 2025, nosso retorno foi de 3,35%, em linha com o CDI do período. Nos últimos 12 meses, atingimos 12,45% — um desempenho 33 bps acima do benchmark.

	1T25	2025	12M
FIDC	2,94%	2,94%	11,70%
Benchmark (CDI)	2,98%	2,98%	11,26%
Retorno x Benchmark (p.p. a.a.)	CDI - 0,19%	CDI - 0,19%	CDI + 0,44%

Consideramos importante mencionar que, no último trimestre, um dos nossos projetos investidos passou por uma reestruturação. Após uma troca na gestão da cooperativa, houve bloqueio temporário das contas bancárias, o que impossibilitou o repasse dos recursos devidos. Atentos à situação, nos mantivemos em contato próximo com as lideranças locais e atuamos junto a parceiros e instituições financeiras para viabilizar a regularização.

Além da questão operacional, a cooperativa enfrentou desafios no escoamento da safra, o que agravou momentaneamente sua capacidade de pagamento. Diante desse contexto, optamos — em conjunto com a cooperativa — por renegociar o fluxo da operação, ajustando o cronograma das parcelas e revendo as condições financeiras, com atualização dos juros, de modo a preservar o retorno para o investidor e garantir a viabilidade dos repagamentos.

O episódio representa um exemplo concreto de como o monitoramento e a escuta ativa são essenciais em operações dentro do nosso universo de investimentos.

Novos financiamentos

Este trimestre foi marcado por uma **convergência simbólica entre nossos investimentos e o agravamento da crise hídrica no Cerrado** — bioma onde realizamos dois novos aportes: na COOPEMAPI, cooperativa de apicultores do norte de Minas Gerais, e na Floryá, cooperativa formada exclusivamente por mulheres agricultoras em Goiás. Ambas representam iniciativas robustas de regeneração produtiva, conduzidas por comunidades locais que atuam em harmonia com os ciclos naturais do território.

No entanto, o mesmo Cerrado que abriga essas organizações enfrenta um colapso hídrico silencioso e cada vez mais severo. Estudo recente do MapBiomas revelou uma queda de 27,8% na vazão dos rios do bioma entre 1991 e 2020. A causa não é exclusivamente climática: a conversão desordenada do território para monoculturas, a compactação do solo e a supressão da vegetação nativa reduzem drasticamente sua capacidade de infiltrar e armazenar água. Como lembrou nosso CIO em sua carta, os rios são vetores de estabilidade macroeconômica. Sua degradação impacta diretamente a segurança hídrica, a produção agrícola, o abastecimento urbano e a geração de energia.

Nos últimos dias do trimestre, os incêndios que avançaram sobre o território nacional reacenderam a discussão sobre a universalidade dos biomas. Pela primeira vez, foram mobilizados R\$ 150 milhões do Fundo Amazônia — tradicionalmente voltado à Amazônia Legal — para equipar brigadas de combate a incêndios no Cerrado e no Pantanal. A decisão do governo reflete um entendimento crescente: não existe Amazônia sem Cerrado, pois este alimenta as grandes bacias do país, conecta-se ao Pantanal e sustenta aquíferos vitais. Por isso, seguimos firmes na defesa de um fundo multi-biomas como resposta estrutural à interdependência ecológica que define o Brasil.

Investir em cooperativas como a COOPEMAPI e a Floryá é, portanto, uma resposta concreta e estratégica.

COOPEMAPI: mel orgânico

Com sede em Bocaiúva, no norte de Minas Gerais, a **COOPEMAPI reúne 193 apicultores familiares espalhados por 25 municípios**. Atuando no Cerrado com a marca Mel das Gerais, a cooperativa é reconhecida pela produção orgânica e pela diversidade de floradas, incluindo o mel de Aroeira com Denominação de Origem. Mas a COOPEMAPI vai além da apicultura: **também fabrica doces, aguardente de mel, polpas e roupas de proteção para apicultores** — uma solução criada por elas mesmas para preencher uma lacuna histórica da região.

O investimento de R\$ 1.200.000,00, via CPR-F, será destinado à exportação de mel para a Ethikabio (cliente europeu), com contrato já firmado e certificação Naturland. Parte dos recursos também será usada no desenvolvimento de novos produtos e em análises laboratoriais. A operação conta com garantias via recebíveis e fortalece a estrutura de beneficiamento da cooperativa, que quadruplicou sua capacidade de processamento no último ano.

O impacto esperado é significativo: além de garantir preços justos (em média 8% acima do mercado), a COOPEMAPI gera renda para agricultores locais por meio da polinização, oferece assistência técnica e fortalece a permanência das famílias no campo. A cooperativa também se destaca pelo protagonismo feminino — cerca de 24% dos cooperados são mulheres — e por sua atuação na recuperação da vegetação e das nascentes, com o plantio de mais de 20 mil mudas por ano.



Processo de beneficiamento do mel na COOPEMAPI

Floryá: agroecologia feminina

Fundada em 2023, a Floryá surgiu do inconformismo de um grupo de mulheres agricultoras de Bela Vista de Goiás que, por anos, foram excluídas das decisões e da renda gerada nas propriedades familiares. Ao registrar a cooperativa, insistiram que o nome incluísse o termo “agricultoras”, e venceram a resistência institucional que alegava que só seria possível com o termo no masculino.

A Floryá é hoje uma referência em inovação social no Cerrado. **Com 37 cooperadas e uma lista de espera crescente, a organização atua com hortifruti, PANCs, panificados e mel** — sempre com foco em práticas agroecológicas. Também adquire produtos de comunidades tradicionais quilombolas, como baru e mel nativo.

O financiamento de R\$ 100.000,00 foi destinado à embalagem e rotulagem de mel para o lançamento na Feira Agro Centro-Oeste Familiar, fortalecendo a verticalização e a inserção da cooperativa no mercado institucional. Os contratos já firmados com o PAA e o PNAE devem beneficiar mais de 2.000 crianças com alimentação escolar de base agroecológica.

A Floryá também oferece infraestrutura adaptada à realidade das mulheres rurais — como a criação de uma “sala kids” na sede — e já está articulando parcerias para exportação via WFP (ONU) e fornecimento ao setor privado internacional. Ao impulsionar a autonomia econômica das mulheres e valorizar o Cerrado por meio do extrativismo sustentável, a cooperativa representa o tipo de liderança que queremos continuar apoiando.



Reunião com cooperadas da Floryá na sede em Bela Vista de Goiás

Projetos Financiados

Projeto	Bioma	Descrição	Financiamento
 Agricultura familiar na Amazônia	Amazônia	Cooperativa da agricultura familiar em Floresta do Araguaia (PA), de abacaxi, manga e acerola. Atua com práticas agroecológicas e inclusão de mulheres, promovendo o desenvolvimento comunitário.	Capital de giro via CPR-F para antecipar pagamentos da safra e cobrir despesas operacionais. Operação garantida por estoque de abacaxis.
 Cacau agroecológico	Amazônia	Cooperativa de produção de cacau localizada em Medicilândia (PA), com forte atuação feminina e produção em SAFs. Trabalha com insumos da sociobiodiversidade, como castanha e cupuaçu, e mantém parceria com indígenas.	Crédito via CPR-F para compra de amêndoas dos cooperados, com garantia em estoque. Reduz dependência de atravessadores e fortalece a cadeia do cacau na Amazônia.
 Extrativismo de Castanha-do-Brasil	Amazônia	Cooperativa que atua na extração sustentável e processamento da castanha-do-brasil (AP). Também produz óleo, farinha e resinas orgânicas, preservando a biodiversidade local em uma área de 800.000 hectares.	Aporte para aumentar a capacidade de compra da produção de castanha, oferecendo preços superiores aos de intermediários e com reaproveitamento de resíduos.
 Apicultura familiar	Caatinga	Empresa apoia mais de 1.800 apicultores no Nordeste brasileiro. Responsável pela logística, certificação e exportação de mel orgânico para mercados europeus.	Capital de giro para aquisição de mel dos apicultores, eliminando a dependência de intermediários. Promove práticas sustentáveis e preservação da biodiversidade local.

Projetos Financiados

Projeto	Bioma	Descrição	Financiamento
Fernandes Óleos Essenciais Cultivo do óleo essencial Poejo	Mata Atlântica	Empresa familiar, pioneira no cultivo orgânico de poejo (RS). Responsável por todo o ciclo de produção, desde mudas até óleos essenciais, atendendo exclusivamente à Natura.	Destinado à ampliação da fábrica, permitindo aumentar a capacidade produtiva para atender à crescente demanda. Também promove a inclusão de 15 famílias na cadeia de valor.
 Agricultura familiar na Amazônia	Amazônia	Cooperativa de derivados de mandioca e frutas em Santarém (PA). Atua na compra e processamento dos produtos e participa ativamente de programas governamentais.	Fortalece a compra de produtos pela cooperativa, promovendo incentivos diretos para que os cooperados sigam com as práticas regenerativas da agricultura familiar.
 Extrativismo de Açaí na Amazônia	Amazônia	Cooperativa de açaí na região do Bailique (PA). Oferece assistência técnica para os cooperados e possui uma agroindústria para a liofilização do açaí.	Amplia o poder de compra da cooperativa, garantindo aos cooperados preços de compra justos e acima do que é oferecido pelo mercado.
 Cultivo de Cacau Cabruca na Bahia e no Pará	Amazônia, Mata Atlântica	Associação comunitária que financia diretamente produtores de cacau na Bahia e no Pará e realiza acompanhamento técnico rural para a gestão ambientalmente responsável.	Geração de renda para produtores do Cacau, restaurando os biomas e gerando valor econômico com espécie resistente à vassoura-de-bruxa (nome popular da doença <i>Minioliptora perniciososa</i>).

Projetos Financiados

Projeto	Bioma	Descrição	Financiamento
 Agrofloresta Multibiomas	Amazônia, Mata Atlântica, Caatinga, Pampa, Cerrado	ONG que financia a regeneração dos biomas por meio da implantação de Sistemas Agroflorestais (SAF) de cacau em diversos estados (principalmente no PA, RO e BA).	Empoderamento econômico de produtores agrícolas, por meio de financiamento direto dos atores na ponta.
 Mel Orgânico	Cerrado	Cooperativa de apicultura familiar com sede em Bocaiúva (MG), reúne 193 apicultores em 25 municípios. Produz mel orgânico com Denominação de Origem e também fabrica doces, aguardente, polpas e roupas de proteção. Atua com protagonismo feminino e na recuperação da vegetação nativa.	Crédito via CPR-F para antecipar exportações e desenvolver novos produtos. Operação garantida por recebíveis e destinada a reforçar a estrutura de beneficiamento da cooperativa.
 Agroecologia Feminina	Cerrado	Cooperativa agroecológica formada por agricultoras em Bela Vista de Goiás (GO). Atua com hortifruti, PANCs, panificados e mel, e adquire produtos de comunidades quilombolas. Promove a autonomia econômica das mulheres e valoriza o Cerrado.	Crédito para embalagem e rotulagem de mel, fortalecendo a verticalização e a inserção em mercados institucionais como o PAA e o PNAE

Um giro pelo trimestre

No segundo trimestre de 2025, seguimos acompanhando a evolução da agenda de sociobioeconomia no país, que avança como parte da política climática brasileira. Observamos um crescente alinhamento entre os discursos institucionais e as iniciativas voltadas à valorização dos territórios e das cadeias da sociobiodiversidade.

Internamente, reforçamos a importância percebida por nós de programas como o PAA e o PNAE. Em nossas conversas com cooperativas e gestores públicos, ficou evidente que esses instrumentos continuam sendo vetores centrais de estabilidade econômica para iniciativas de base comunitária. A ampliação da participação de cooperativas nos programas de compras públicas é, hoje, um dos caminhos mais efetivos para garantir renda digna a quem protege os biomas e produz alimentos saudáveis de forma regenerativa.

No âmbito internacional, **participamos da London Climate Action Week**, a convite da Embaixada do Brasil no Reino Unido, em um evento que reuniu soluções inovadoras para financiamento climático. Foi um momento emblemático, em que apresentamos nosso fundo como uma alternativa concreta para canalizar recursos com intencionalidade social e ecológica — em linha com a crescente valorização internacional da bioeconomia brasileira. O evento, realizado em parceria com o Itamaraty, é um reflexo do esforço diplomático do país em reposicionar-se como liderança global nessa agenda.

Ao mesmo tempo, temos observado uma crescente dicotomia no mercado entre ambição de alocação de capital e a realidade da execução em territórios vulneráveis. **Muitos investidores têm metas expressivas de desembolso — frequentemente da ordem de dezenas de milhões — mas sem o desenho institucional ou os instrumentos adequados para chegar aos territórios e populações que mais precisam.** Essa desconexão gera frustração de ambos os lados: as organizações se sentem descartadas por não estarem "prontas" e, os alocadores não conseguem executar suas metas por falta de projetos "estruturados".

A experiência do FIDC Sociobioeconomia tem mostrado que é possível chegar aos pequenos agricultores — e gerar impacto sistêmico — mas isso exige escuta, adaptação, estruturas financeiras sob medida, e, acima de tudo, presença. O Brasil profundo não se acessa via planilha. A cada trimestre, essa constatação se confirma e nos encoraja a seguir construindo uma ponte entre o capital e a vida.

Fundo Multibiomas

famaGAIA

S O C I O B I O E C O N O M I A



fama
re.capital



GRUPO
GAIA

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo. É fundamental a leitura do regulamento dos fundos antes de qualquer decisão de investimento. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Nenhum fundo conta com garantia da instituição administradora, da gestora ou do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. Para obtenção do Regulamento, Histórico de Performance, Prospecto, além de eventuais informações adicionais, favor entrar em contato com a fama re.capital ou com a Administradora do fundo. Para avaliação de performance dos fundos de investimento, é recomendável uma análise de período de, no mínimo, 12 meses.